

A BASTARDIA COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM *LE NEZ QUI VOQUE* DE RÉJEAN DUCHARME

RAFAEL, Dayana dos Santos Ribeiro (UFF)

Réjean Ducharme escreveu *Le nez qui voque* em plena Revolução Tranquila. A década 1960-1970 foi pontuada por grandes mudanças nos domínios social, político, econômico e cultural. « Cette ère d'effervescence a renversé de manière pacifique l'ordre établi »¹ (JEAN CHAREST), é uma época de ruptura com o passado, de modernização das instituições. A Revolução Tranquila inaugurou uma nova consciência identitária, foi um período enriquecedor para poetas, artistas, criadores e escritores. *Le nez qui voque* exprime esta ruptura e modernidade, ambos traduzidos pelas ideias, temas abordados e pela linguagem ducharmiana. A obra traduz a vontade de renovar as formas, de inventar, desmistificar o passado clássico francês e deste modo romper com a França. Tais ideias, reflexos da Revolução Tranquila, ajudaram os franco-canadenses originários do Quebec a se identificar como quebequenses e rejeitar « la mère patrie nourricière » e suas « traditions, normes et modèles » (BOUCHARD apud VIANNA NETO, 2012). À partir desta nova consciência coletiva « [...] l'identité de la petite collectivité francophone d'Amérique du Nord isolée dans un mer anglophone. La langue, le passé, la lutte pour la survie ont constitué des points de référence communs » (MATHIEU et LACOURSIERE, 1991, p.1).

Com o advento da questão da identidade quebequense recusou-se a imitação ao modelo francês. Portanto, a questão nacional, oriunda do pós-colonialismo, gerou importantes reflexões sobre o hibridismo cultural e sobre a alteridade.

A invasão inglesa e o abandono da pátria-mãe forjaram o discurso literário da bastardia cultural quebequense. Para Vianna Neto (2006) « la représentation de la bâtardise culturelle aux Amériques est engendrée par une sorte d'allégorie parodique de la question identitaire au Québec. » Réjean Ducharme rompe, refuta a herança francesa para reclamar uma nova identidade que deve corresponder a realidade quebequense. O autor critica os indivíduos, que, ligados ao passado, imitam comportamentos franceses, e desta forma, reproduzem um comportamento alienado, o comportamento do colonizado, conferindo a supremacia de uma nação sobre as outras, perpetuando o controle social. « Tous les Canadiens français qui essaient de parler comme les Français de France et qui portent de verres fumés beau temps mauvais temps, je les hais » (DUCHARME, 1967, p. 20). Ducharme emprega, em *Le nez qui voque*, a paródia, a ironia, a desconstrução, o riso cáustico para criticar os « paradigmes idéologiques hégemoniques » (VIANNA NETO, 2012).

Le nez qui voque, escrito durante a Revolução Tranquila, período de grandes transformações sociais e culturais, apresenta análises, questionamentos sobre a sociedade quebequense da época. A língua e a identidade são temas desta literatura que se volta para o passado a fim de reinventar, transformar a sociedade quebequense, ou seja, a literatura dialoga com o contexto político. A obra de Rejean Ducharme reflete o contexto da Revolução Tranquila. A ruptura com o passado conservador, para provocar uma consciência sociopolítica e desta forma construir uma nova referência identitária, marca tal fenômeno assim como a literatura do autor.

Na capa do livro *Le nez qui voque* lê-se a palavra romance, entretanto a forma literária é a de um diário, trata-se, portanto, de uma narrativa. Rejean Ducharme já revela as constantes de sua literatura: o jogo com o significado das palavras, a polissemia do vocabulário, o trocadilho (*Le nez qui voque* → *L'équivoque*). O escritor utiliza o jogo com a linguagem para desmistificar os cânones literários. Logo, ele inventa palavras que não pertencem ao código linguístico, para reivindicar sua liberdade. Nisto consiste seu poder criativo, a escrita segundo os padrões normativos não lhe interessa. Para atingir seu objetivo de escrever de um modo mais natural, inventivo, sem ser imobilizado pelas regras do código literário, ele adota a *découpage* das palavras baseado nas semelhanças sonoras e semânticas. Tal procedimento, que permite a criação de novas palavras, vai produzir ideias difíceis de compreender, a leitura não será fácil, porém o mais importante para Ducharme é simplesmente se expressar. « Le procédé du jeu de mots, par *découpage* ou par faute d'orthographe, ou d'autres façons, est essentiel à l'oeuvre puisqu'il définit le rapport qui s'établit, par elle, entre Ducharme et nous » (DUPRIEZ, 1972, p.12).

No texto observa-se a acumulação de frases, assim como, a falta de pontuação (vírgula, pontos de interrogação). Trata-se de uma escrita automática que utiliza a repetição para reforçar uma espécie de obsessão que verifica-se na obra. Ducharme utiliza esta obsessão – « revenir plusieurs fois sur la même idée, en des termes plus ou moins différents » – (DUPRIEZ, 1972, p.15) para denunciar e escarnecer dos processos literários. Ele recusa a imposição dos cânones literários, os clichês e a imitação. Em *Le nez qui voque* as palavras estão a serviço da expressão.

Segundo Vianna Neto (2012), o processo de desconstrução e paródia linguística na obra de Réjean Ducharme, foram inauguradas na narrativa de *Le nez qui voque*. É possível verificar esses dois elementos na fala de Mille Milles : «Le mot Canada serait né des mots espagnols *aca* et *nada* qui signifient: rien ici» (DUCHARME, 1967, p. 20).

«A busca do significado etimológico de Canada leva Ducharme a usar um de seus recursos narrativos produtores de paródias: a crítica pelo humor cáustico que desconstrói as formações estratificadas e indica pistas para a reciclagem identitária”. Trata-se da necessidade latente, não só de se reinventar, mas de reinventar o próprio país [...]» (VIANNA NETO, 2012, p. 42).

Ducharme, ao estabelecer uma relação entre o país Canadá e a palavra nada, parece fazer referência ao passado colonial do Canadá, ao fraco movimento migratório, ao seu difícil povoamento, ao seu isolamento, que durava seis meses do ano, durante o inverno, ao pensamento geral, da época, que o Canadá tinha pouco a oferecer. O « rien ici » parece fazer referência à natureza, violenta, hostil do país. O poeta Yves Préfontaine (apud BEDNARSKI, 1985, p.238) exprime esta beleza aterradora do Canada : « Nous sommes d'une terre d'amplitude sans mesure, d'une terre rêche, rauque et violente, terre de forêts à perte d'homme et de villes atroces, terre de mer et de froid qui calcine ». A associação do país ao inverno destaca

le caractère fragile, précaire de toute habitation, de toute construction humaine . La vie difficile, la lutte de l'homme sans cesse menacé. La forêt à perte de vue. Les espaces terrifiants qui intimident l'homme, l'isolent et souvent le réduisent au silence » (BEDNARSKI, 1985, p.238).

Esta natureza difícil, que provoca o sentimento de insegurança e isolamento, junto ao abandono da França causa nos quebequenses o vazio existencial que culmina na procura da identidade. Há certa associação entre a história quebequense e o inverno, a neve. Betty Bednarski (1985, p.238) diz:

[...] le pays physique d'une part, le pays historique d'autre part, l'un aussi difficile que l'autre. L'on comprend facilement, au niveau de la métaphore, que l'un soit souvent perçu comme l'expression de l'autre, que les deux soient même devenus comme interchangeables. « Mon pays ce n'est pas un pays, c'est l'hiver... » L'hiver, c'est la saison morte, une mort que l'on vit en attendant le printemps. C'est la vie en suspens, le degré zéro de l'année. Cette attente-là, cette mort en attendant, elle existe aussi dans l'histoire du pays. L'essayiste Pierre Vadeboncoeur affirme [...] que le Québec a vécu « une sorte d'hiver de l'histoire ». Pour le poète Jacques Brault il s'agirait [...] d'un pays « né dans l'orphelinat de la neige ».

Este país que permanecia congelado na neve do passado tinha um povo órfão que foi abandonado para morrer de frio em meio à hostilidade deste imenso território intimidador. É possível verificar esta imagem na experiência coletiva quebequense. Por isso Ducharme afirma esta natureza difícil, já que ela é uma realidade inquestionável. Deste modo, ele aceita seu país, o que corresponde a uma aceitação de si.

O nome Canadá é de origem autóctone, certamente Ducharme tinha conhecimento disso quando escreveu *Le nez qui voque*. Sabia também que os ameríndios e suas guerras foram uma das razões da fraca imigração na época da colonização. Os franceses tinham medo de vir a este país povoado por "bárbaros". Em uma outra leitura, o « rien ici » poderia também indicar o desprezo pela alteridade ameríndia. Como um país que possui um nome autóctone poderia ignorar esta informação? Ducharme estabelece uma relação entre a marginalização dos ameríndios, do Canadá e de seu povo. Esta marginalização começou na época da colônia, quando o interesse da coroa pelas terras da *Nouvelle France* era somente comercial. O europeu lança sobre o novo mundo um olhar maniqueísta, conseqüentemente os franceses não se preocupavam em cativar os autóctones, a América. Não há persuasão e sim a violação,

Pode-se constatar que Ducharme utiliza este passado mestiço, no qual franceses e ameríndios se uniam para povoar e, desta forma, dar origem ao povo canadense, para reclamar uma legitimidade autóctone ao país e aos quebequenses e afirmar, demonstrar a diferença cultural entre quebequenses e franceses. Assim sendo Ducharme desmistifica a herança francesa o *mémorial de souche* através de uma literatura de descolonização.

Os personagens Chateaugué e Mille Milles são *flâneurs* que procuram se livrar do tédio, que querem reinventar o cotidiano, que adotam o desvio, a errância para fugir, escapar das normas da vida em sociedade. Eles as transgridem, pois estão insatisfeitos com a imposição de códigos que não se relacionam com a realidade, a identidade deles. Este conflito, desacordo é resultado do repúdio ao poder político e cultural. Não se sabe por que Mille Milles não vive com seus pais, ele não nos diz o motivo pelo qual os deixou. Ele parece não ter nenhuma preocupação em relação a eles. Por meio deste comportamento desviante, que rejeita os laços familiares e as amarras da vida em sociedade, eles escapam do controle social e forjam uma nova maneira de viver, assim como uma identidade transviada. Tal comportamento visa repelir as atitudes

conformistas dos adultos, a submissão identitária, a paternidade, a fim de assumir a ruptura com as origens para afirmar sua diferença. Os personagens procuram se libertar ocupando o espaço da margem, reivindicando a bastardia.

Chateaugué, em *Le nez qui voque*, é a irmã d'Iberville, herói, esquecido pelos canadenses, nascido no Canadá francês. «Au Nouveau-Québec, d'où Ivugivic vient[...]» (DUCHARME, 1967, p.15). Ducharme estabelece uma relação entre Chateaugué, que na realidade se chama Ivugivic, de origem esquimó e Pierre Le Moyne d'Iverbille cavaleiro franco-canadense que lutou nas batalhas contra a invasão inglesa. Trata-se da união, do quebequense com o autóctone, de uma incorporação entre os dois, da eleição de uma identificação entre quebequenses e autóctones, da consciência de partilhar uma história específica de marginalização notadamente por meio da submissão e da desapropriação. Com Ivugivic, Ducharme efetua um retorno aos dias anteriores à chegada dos europeus na América como efeito libertador para estabelecer uma identificação entre a exclusão dos ameríndios da sociedade e o sentimento de exclusão que os quebequenses experimentaram. O autor demonstra a reivindicação quebequense pela ocupação anterior que pertence ao discurso ameríndio:

«Il y aurait des Canadiens français et ils seraient Canadiens français parce que leurs pères ont fait la traite de fourrures. C'est du passé qu'on parle quand on parle de la traite de fourrures. Les Canadiens français (le nom seul est ainsi) prétendent jouir d'un privilège dont ne jouissent pas les autres Canadiens (le nom seul est ainsi). Ce privilège, c'est celui d'avoir découvert le Canada et de lui avoir donné les premiers coups de charrue, de lui avoir fait saigner du blé (saigner du nez) pour la première fois» (DUCHARME, 1967, p. 151).

Ducharme critica as pessoas que utilizam esta reivindicação dos direitos ancestrais sobre o território quebequense para permanecerem atadas ao *mémorial de souche* e destaca o desejo de subverter o jogo de poder, denunciando a condição do Canadá que foi nada além de um objeto na disputa de posse e de mercado entre a França e a Inglaterra. Ducharme rechaça tal condição e denuncia a França, que os abandonou à Inglaterra, para que os quebequenses possam cortar o cordão umbilical e possam se tornar senhores de si: «Si on admet qu'il y a des Canadiens français, il faut admettre aussi que les Canadiens français ont versé beaucoup plus de sang sur la France que les Français en ont versé sur le Canada» (DUCHARME, 1967, p.151). A conquista do Canadá pelos ingleses mergulhou os franco-canadenses da época na incerteza e na penosa busca da identidade, suscitando questões ontológicas: «Somme-nous une colonie? une nation? une province? un groupement ethnique? un pays? » (BEDNARSKI 1985, p.241). Tais questões revelam a consciência, o sentimento de pertencimento a um grupo. Trata-se de um problema de identidade, de solidão, de marginalização devido ao isolamento do resto do continente norte-americano, à língua e à recusa da assimilação. Então, para se afirmar, se diferenciar e se fortalecer, os franco-canadenses se voltaram ao passado:

Le culte du passé d'abord. Le passé-refuge, le passé idéalisé, à cause du présent difficile. Le passé, c'est souvent le régime français. C'est l'époque où tout était encore certain, ordonné, où l'on n'avait pas encore été coupé de ses sources. Poèmes et romans chantent les faits glorieux des ancêtres. [...] L'on a les yeux résolument fixés sur un temps révolu et souvent aussi sur un espace perdu – la France, ancienne mère-patrie, source de fierté et d'orgueil. Nostalgie donc, et fidélité. De là viennent en grand partie la force et le

courage de survivre. De là vient en même temps un double échec. [...] Faute d'un présent, l'on choisit le passé. Faute d'une patrie, ici, l'on s'attache à un ailleurs tout impossible. *Je me souviens*, disait-on avec orgueil. Et le passé mythique s'étend très tôt [...] à tout ce qui est coutume et tradition. *Notre maître le passé*, écrivait Lionel Groulx – l'abbé Groulx, historien et clerc. «Au pays du Québec rien ne doit mourir, rien ne doit changer», disaient les voix mystérieuses de Maria Chapdelaine, voix que la critique a identifiées comme étant celles du pouvoir, celles de l'idéologie dominante [...]

Verifica-se um olhar idealizado em relação ao passado que é produzido pelo exílio. O exílio aparece como experiência de perda, o que provoca o *mal du pays*, a nostalgia (a reação à perda). Esta nostalgia resulta na sensação de deslocamento, de perda de raiz e acarreta no desejo do retorno. O nostálgico fica dividido entre o aqui e o outro lugar, ele quer reencontrar sua origem, se reintegrar, o que não é possível. A França, pátria-mãe, se torna um bem perdido, a apatia a substitui. Ducharme desconstrói, critica esta nostalgia que prende o quebequense à contemplação melancólica do passado impedindo o reconhecimento e a afirmação da identidade nacional quebequense:

S'il n'y avait pas de Français de France ici, il n'y aurait pas de cinéma ici. Acclamons le civilisateur. Réjouissons-nous. Il vient ici pour déniaiser les masses qui sont naïves et qui ne savent pas dire con. Lisons. Allons au cinéma. Achetons de livre qui se lisent vite. Repoussons l'envahisseur. Débauchons-nous. Marchons les fesses serrées et les pieds en dedans. Portons des pantalons serrés et achetons des automobiles sexuelles. Allons faire un stage à la Soborne. Fréquentons les désuniversités françaises et ayons honte de n'avoir fréquenté que la désuniversité de Montréal. Cachons nous, si nous n'avons fréquenté qu'une école technique. Laissons-nous pousser la barbe et ne la rasons pas. Car ils croiront que nous sommes des désintellectuels quand nous passerons sur le trottoir comme des péripatéticiennes. Repoussons l'Italien, vulgaire profiteuse qui ne pense qu'à sa famille et qui passe son temps à rire et à danser avec elle. Employons le mot con. Parlons français. Ne souffrez pas de substitut du mot con. Mettons-les tous à la même place que Commode, dans le tiroir de la commode. De quoi a l'air un pissenlit qui se donne des airs de dahlia? Ce pissenlit a l'air d'un Canadien français qui se donne des airs de héros de films d'avant-garde made in France. Reston en arrière, avec Crémazie, avec Marie-Victorin, avec Marie de l'Incarnation, avec Félix Leclerc, avec Jacques Cartier, avec Iberville et ses frères héroïques. Restons où nous sommes. N'avancions pas d'un seul pas. Restons fidèles. Souvenons-nous. Le temps passe: restons. Couchons-nous sur nos saintes ruines sacrées et rions de la mort en attendant la mort. [...] Mille Milles est en faveur d'une désorganisation qui serait fondée sur la vérité (DUCHARME, 1967, p. 34).

Ducharme critica a cultura dominante que não considera a interação, que ignora a cultura do outro, assim como os indivíduos que permitem esta exclusão das alteridades múltiplas através da submissão ao cânone imposto.

O autor evoca este país, que diziam ser vazio e sem qualidades, para criticar sua invisibilidade provocada pela proximidade aos Estados Unidos. «O Canada [...] Le Canada est un vaste pays vide, une terre sans maisons et sans hommes, sauf au sud, sauf le long de la frontière des États-Désunis, sauf là où les Américains ont débordé. Il n'y a pas de villes au Canada, il n'y a que des lacs» (DUCHARME, 1967, p.147-148). O autor o evoca também para criticar a submissão ao modelo imposto pela globalização capitalista:

Ils disent qu'il y a vingt millions de Canadiens. Où vivent-ils? Où sont-ils partis? Où sont-ils tous? Il n'y a pas un seul Canadien au Canada. Où sont les vingt millions de Canadiens? Où sommes nous? Qui, au Canada, n'est pas de la race des hot-dogs, des hamburgers, du bar-b-q [...]. Qui d'entre nous, mes frères, n'est pas un apôtre de Popeye, de Woody the Woodpecker [...]? (DUCHARME, 1967, p.149).

O autor evoca a gênese, a memória, a origem de seu povo para «critiquer l'immobilité des constructions identitaires canadiennes enracinées dans les canons européens et américains» (VIANNA NETO, 2006): «O Canada, ma patrie, mes aïeux, ton front, tes seins, tes fleurons glorieux!» (DUCHARME, 1967, p.147). O autor «révèle les stratagèmes du pouvoir paradigmatique et l'émergence des différences marginales» (VIANNA NETO, 1999). O continente americano sofreu invasões que desprezaram os autóctones e depois os francófonos da diáspora e o que foi feito para que impedir a submissão? A beleza ameaçadora, a grandiosa força, a natureza violenta deste país não forma fonte de inspiração? : «Canada, immense palais de froid, ô Canada, vide château de soleil, ô toi qui dors dans tes fôrets comme l'ours dort dans sa fourrure, t'es-tu seulement réveillé quand ils t'ont dit que tu étais vaincu, quand tu es passé sous la domination anglaise?» (DUCHARME, 1967, p. 61).

Ducharme, no processo de desconstrução de herança europeia, na crítica à apatia e ao desprezo pelas alteridades diversas, empregou a figura do bastardo. O bastardo, no desejo de reinvenção identitária, rejeita a mãe-madrasta. Esta ruptura de filiação lhe permite sair do lugar de herdeiro e assumir o papel de fundador:

«Em *Le nez qui voque* Ducharme desconstrói pela ironia parte desse memorial que insiste em perpetuar-se no imaginário quebequense. Essa ruptura aponta o processo da *déshérence* europeia, onde se engendra a metáfigura do *bâtard*, característica da busca do autoengendramento identitário do Quebec, como necessária ao quebequense para para livrar-se da herança que é uma das causas do *malaise de l'héritier*, a(*quebehé(bé)tude*)». (VIANNA NETO, 2006, p.52).

Esta condição de bastardia permite a ancoragem americana ao quebequense e o inscreve no continente americano, por meio de «referenciais culturais locais ou continentais chamadas "americanas"» (VIANNA NETO, 2006). A ancoragem americana permite um recomeço uma (re) fundação. Deste modo, o auto-engendramento serve aos propósitos de um mito fundador:

[...] une volonté de se réappropriar la langue nationale ou même d'en inventer une nouvelle de toutes pièces, de choisir ses racines, ses ancêtres, de repenser ses origines, de se refaire un passé, une tradition, une identité. L'aspiration à l'auto-engendrement (à être son propre père ou sa propre mère, à ne se nourrir que de ce que l'on crée) a été proclamée haut et fort. (BOUCHARD apud VIANNA NETO, 2012, p. 40)

No processo de construção de uma identidade nacional, Ducharme adota uma linguagem que tem como finalidade a ruptura com a língua de origem e suas normas. Sendo assim, ele rejeita os códigos hegemônicos da língua de origem e produz uma literatura não mimética como estratégia simbólica de eleição da modernidade e de independência. A Revolução tranquila permite que a literatura franco-canadense se torne literatura quebequense, literatura nacional e não mais uma reprodução, uma cópia da literatura francesa. O autor no processo de descolonização cultural propõe um contra

modelo ao modelo francês: modernidade contra a velha norma literária francesa. «Hostie! Tout cela, maintenant, c'est de la mauvaise littérature, des réminiscences, du non-sens, du passé, du dépassé, du trépassé, du déclassé, du crétaqué, du miel à mouches, de la rhubarbe à cochons.» (DUCHARME, 1967, p. 95). Trata-se da eleição de uma literatura que tem como finalidade a formação da alma nacional. «La littérature comme les langues n'est faite que de différences» (RIVAS, 2005, p. 172). Ducharme destaca tais diferenças em *Le nez qui voque* demonstrando as especificidades culturais quebecuenses no que tange a cultura, a língua, os costumes e a religião. No processo de eleição de uma linguagem que serve aos ideais de auto-engendramento (de construção de uma identidade nacional), há a afirmação de uma identidade própria, distinta, através da rejeição da língua de origem, língua do colonizador, e da língua inglesa imposta pela globalização capitalista. Para Vianna Neto e Porto (2011, p. 116)

[...] le regard critique et déconstructeur de Ducharme dénonce le processus d'aliénation culturelle subi par les Canadiens français, empêchés d'assumer leur propre différence. Tirillés entre le risque de devenir Américains (Étatsuniens) et l'obligation de ne jamais couper le cordon ombilical qui les lie à jamais à la France, ils seraient plutôt condamnés au non-épanouissement identitaire. Au creux de ce vide existentiel s'insurgit justement la voix ironique de l'auteur qui se moque des identités marquées par le simulacre et le prestige des copies conformes.

A *découpage* da narrativa, a fragmentação da estrutura enunciativa coloca em crise as convenções literárias e obriga o leitor a formular hipóteses para progredir na leitura, a reconstruir sempre o que ele lê. «Cela revient à dire que *Le nez qui voque* bouleverse les attentes du lecteur en regard des agencements narratifs, linguistiques et, bien entendu, des savoirs conventionnels» (VALENTI, 1995, p. 122). Ducharme recorre à paródia dos «scénarios intertextuel» para estabelecer uma narrativa estereotipada do lugar comum e desta maneira desfamiliarizar, frustrar as expectativas do leitor. As expectativas são frustradas para «distancier le lecteur de ses représentations de manière à prendre conscience de leur nature projective» (VALENTI, 1995, p. 125). O leitor é levado a refletir sobre a própria literatura – a fazer uma «réévaluation du sens déjà construit» (VALENTI, 1995, p. 136) – e sobre o caráter polissêmico da linguagem.

Ducharme, utilizando a ironia, a paródia e a sátira, critica as convenções literárias e linguísticas através da subversão dos códigos. Para Valenti (1995, p. 128)

[...] ces différentes forme de ruptures sont souvent le lieu de jeux avec les mots, la graphie, voire parfois les structures syntaxiques, etc., et qu'à ce titre, il est possible pour le lecteur d'y configurer plusieurs sens. Ceci s'explique sans doute par les rapports «equivokes» que Mille Mille entretient avec le langage.

O caráter lúdico do livro, centrado sobre a língua, é produzido por esta «multiplicité des rapports» pelo «contexte polyvalent» (ilusões referenciais, ambiguidade), pelo «bouleversement des attentes stylistiques du lecteur» (sentimento de instabilidade). «*Le nez qui voque* s'élabore de fait en multipliant les liens, les correspondances et les renvois de toute sortes» (VALENTI, 1995, p. 133). De acordo com Valenti (1995, p. 137), «le procès de révision de lecture et de réévaluation des liens actualisés (sémantiques, syntaxiques et pragmatiques)» abre para o leitor um horizonte rico de ambiguidade e de contradições. Esta escrita representa perfeitamente o *carrefour* cultural canadense.

O bastardo rejeita a língua de origem e a língua da assimilação como aspiração libertária engendrada pela crise da identidade pós-colonial. Ducharme corrompe a linguística para desconstruir, reinventar, se reapropriar da língua francesa e para torná-la nacional. VIANNA NETO (2006) afirma que: «Recusando a identidade monolítica e excludente, Ducharme propõe a construção de uma outra identidade nacional a partir da invenção de uma língua(gem) que aglutine repertórios etnoculturais diversos e desconstrua a estrutura binária maniqueísta». O autor rejeita o modelo cultural e identitário hegemônico e destaca a diferença entre a língua de origem e a língua nacional: «A l'accent, nous avons compris que c'était un Français de France.» (DUCHARME, 1967, p. 32). E ironiza, brinca com esta diferença: «Les snobs canadiens français ne disent pas théâtre, mais t  atre. Ce sont des hosties de comiques.» (DUCHARME, 1967, p. 80).

A escrita fragmentada e paródica de Ducharme reivindica a reciclagem cultural, a identidade mosaico, como resistência e desvio para desconstruir o discurso dominante e, deste modo, inscrever a identidade quebequense, engendrada a partir de referências culturais divergentes, em solo americano. Ducharme desconstrói, através do humor, da paródia, a herança francesa, num processo de reciclagem. No qual o herdeiro através do reapropriamento de sua herança se reinventa e se liberta da aliena  o provocada pela influência do cânone europeu. Deste modo "a paródia torna-se aqui uma maneira de assumir a herança. Uma maneira de fazer sinal ao leitor: eis de onde venho, o que pego, o que deixo" (ANDR  S, 1999, p. 137).

Este processo de reciclagem cultural    determinante nas constru  es identitárias das Américas. Sendo estas "o produto decorrente da apropria  o e reaproveitamento sistemático de alteridades diferenciadas, instáveis e plurais" (VIANNA NETO, 2004, p.186). Ou seja, a fôrça do bastardo consiste na «incorporation qui est une appropriation de la substance d'autrui par son recyclage dans le m  tabolisme (physiologique ou culturel) du même.» (WALTER MOSER, 1994, p.250). Vianna Neto corrobora a afirma  o de Moser:

Essa apropria  o, combinada com o processo de reciclagem garante [...] o desenvolvimento de uma técnica que «coupe court    toute tentation de fonder une identité homogène, authentique, pure. La figure elle-même comporte le potentiel de subvertir le programme qu'elle est censée réaliser» (WALTER MOSER apud VIANNA NETO, 2004).

Nem franceses nem angl  fonos, os personagens ducharmianos querem ser senhores de si e para tal rejeitam os paradigmas hegem  nicos: «[...] la m  diocrit  , le grotesque am  ricanisme, la servitude, l'indigence de coeur et l'insipidit   d'esprit, la soumission et la reddition» (DUCHARME, 1967, p. 216). E assim afirmam sua diferença, sua identidade quebequense, admitindo o pluriculturalismo, as alteridades múltiplas. O que os inscreve nas constru  es identitárias culturais da América. Os quebequenses aprenderam «a viver na priva  o da origem, a tirar partido da distância para se reinventarem [...]» (PORTO, 2012, p.29). Eles sabem que não são franceses e afirmam sua diferença, sua identidade quebequense.

¹ Palavras do ex-primeiro ministro quebequense Jean Charest. Disponível em: <<http://www.revolutiontranquille.gouv.qc.ca/?=100>> Acesso em jul.2012

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRÈS, Bernard. Coerção e Subversão : o Quebec e a América Latina – ensaio sobre a constituição das letras. Porto Alegre: UFRGS, 1999 1999,

BEDNARSKI, Betty. Constantes de la littérature québécoise. In DORION, Gilles et VOISIN, Marcel(édit.). *Littérature québécoise.Voix d'un peuple, voies d'une autonomie*. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles,1985,p. 231-250.

DUCHARME, Réjean. *Le nez qui voque*. Paris: Gallimard, 1967.

DUPRIEZ, Bernard. Ducharme et des ficelles. In: HAGHEBAERT, Élisabeth et NARDOUT-LAFARGE, Élisabeth [direction.]. *Réjean Ducharme en revue*. Presses de l'Université du Québec (coll. "De vives voix"), 2006.

MATHIEU, Jacques e Jacques LACOURSIÈRE, Les Mémoires québécoises. Québec, Les Presses de l'Université Laval, 1991, p. 1-33.

MOSER, Walter. L'anthropophage et le héros sans caractère. In: LÉTOURNEAU, Jocelyn e BERNARD, Roger (Orgs.). *La question identitaire au Canada francophone: Récits, parcours, enjeux, hors-lieu*. Sainte-Foy: Les presses de l'université Laval,1994,

PORTO, Maria Bernadette. Escritas do exílio: habitar e representar a distância. In: PORTO, Maria Bernadette e VIANNA NETO, Arnaldo Rosa (Orgs.). *Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

PORTO, Maria Bernadette e VIANNA NETO, Arnaldo Rosa. *Littérature québécoise et l'enseignement du français au Brésil : le cas NEC/UFF*. 2011, p. 113-134. Disponível em:

<<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/interfaces/article/download/492/356>>

Acesso em: julho de 2012

RIVAS, Pierre. Latinité et Francophonie dans un monde globalisé. In: *Sentidos dos lugares*, Rio de Janeiro: Abralic, 2005, p.166-173.

VALENTI, Jean. L'épreuve du *Nez qui voque*. Des savoirs partagés au ludisme verbal. NARDOUT-LAFARGE, Élisabeth [direction.]. *Réjean Ducharme en revue*. Presses de l'Université du Québec (coll. "De vives voix"), 2006.

VIANNA NETO, Arnaldo Rosa. Abjeção underground e ethos outsider: estratégias narrativas em habitabilidade e representações de distância em romances de Réjean Ducharme. In: PORTO, Maria Bernadette e VIANNA NETO, Arnaldo Rosa (Orgs.). *Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

_____. Bastardos, ciborgues e desviantes das Américas: metáforas do corpo. In: PORTO, Maria Bernadette (Org.). *Identidades em trânsito*. Niterói: Editora da UFF, 2004.

_____. *Eu não falo fluentemente nenhuma língua*. Alea, Rio de Janeiro, v.8, n. 2, julho/dezembro 2006. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2006000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 julho 2012.

_____. *La représentation de l'ethos underground et l'inscription de la pluralité dans l'oeuvre de Réjean né Ducharme*. Niterói, 1999. Disponível em: <http://palavrarte.sites.uol.com.br/Equipe/equipe_arsa_ensaio.htm. > Acesso em: 27 jul 2012

Currículo

Dayana dos Santos Ribeiro Rafael é mestranda em Letras (Literaturas Francófonas – UFF), Especialista em Língua Francesa e Literaturas Francófonas (UFF). Atua desde 2009 no ensino da língua francesa, já trabalhou na aliança francesa e atualmente é professora de francês da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. Email: dayanaribeiro88@gmail.com